

## ESPERIÊNCIAS COM O ENSINO DA LIBRAS PARA ALUNOS SURDO NA SALA DO AEE

Wandra Maria Gonçalves de Souza Bezerra 1  
Adélia Carneiro da Silva Rosado 2

### RESUMO

O presente trabalho trata de uma pesquisa qualitativa e bibliográfica que visa analisar experiências de ensino da Libras para alunos surdos em sala de atendimento educacional especializado - AEE, buscando aprimorar a prática do uso da língua de sinais no ambiente escolar. A escolha deste trabalho foi motivada pelas experiências do uso da língua de sinais por alunos surdos, visto que os alunos usavam gestos caseiros antes de estarem inseridos na sala do AEE e com intérprete em sala de aula. A pesquisa foi desenvolvida através do atendimento educacional especializado com a professora titular da sala. Nesse sentido, esse trabalho foi desenvolvido partindo da perspectiva da Língua de sinais e vivências surdas através das experiências vivenciadas entre os pares como um elemento importante para a formação da identidade do surdo, valorizando a sua apropriação cultural e partindo desse contexto, conhecer como acontece esse processo de apropriação da sua cultura em sua totalidade na comunidade surda, entretanto, a experiência com o outro é importante, pois mostra toda a vivência dos surdos em sua história, no qual sua cultura permanece viva em todos os contextos da comunidade surda, buscou-se então a autora Karin Strobel (2008) menciona, em seu livro As imagens do outro sobre a cultura surda, envolve várias experiências do povo surdo. Os resultados apontam que as interações no ambiente da sala de recursos multifuncionais entre os alunos surdos, a intérprete e a professora do AEE têm promovido experiências significativas que colaboram para o processo de inclusão dos alunos surdos.

**Palavras-chave:** Atendimento Educacional Especializado. Educação de Surdos. Língua de sinais.

### INTRODUÇÃO

O Presente estudo oriundo da observação no cotidiano das aulas na sala do atendimento educacional especializado, que suscitou um problema norteador, sobre o uso dos gestos caseiros, visto que a língua de sinais é a L1 para o aluno surdo. Pensando nisto, pensamos novas metodologias de ensino quais seriam adequadas para alcançar um processo de aprendizagem dos(as) alunos(as) surdos(as)? É ao mesmo tempo, questões secundárias que estão conectadas com este: como acontece a inserção do surdo nas salas de aula partindo do acompanhamento dos atendimentos na sala do AEE. Neste contexto temos como objetivo buscar aprimorar a prática do uso da língua de sinais no ambiente escolar, como o ensino e as experiências da LIBRAS acontece de forma satisfatória para o ensino aprendizagem dos alunos surdos.

A Lei n 12.319/2010, conforme determina o seu Art. 1º, que trata da regulamentação do exercício da profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais LIBRAS. E, sendo assim, como direito linguístico para alunos surdos em escolas regulares de ensino, terem um intérprete capacitado em sala de aula para mediar a comunicação do professor e aluno surdo, no processo de ensino-aprendizagem.

O ensino inclusivo nas escolas é uma realidade, porém, não basta ter apenas o intérprete em sala de aula, também há necessidade de interpretes na sala de recursos, podemos perceber que a sala de AEE é precisa junto com os professores e demais alunos ouvintes, sem que conheçam e saibam utilizar minimamente a Libras e diminuir o uso dos gestos caseiros e aumentar o uso da Libras. Sem este conhecimento, pode até acontecer algum tipo de interação e comunicação primária, mas uma inclusão de fato dentro da escola, ainda não. Portanto, buscar compreender através de pesquisas como acontece o processo de ensino-aprendizagem dos alunos surdos nas salas de Atendimento Educacional Especializado. Diante disto, promove a identificação de como está ocorrendo de fato os processos de ensino da língua de sinais, como a primeira língua (L1) para alunos surdos inseridos no AEE. O intérprete ou professor de libras atuando nestes estabelecimentos, estará minimamente garantido o direito em conformidade com a Lei nº 10.436/2002, que em seu Art. 1º reconhece "A LIBRAS como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras", como comunicação principal (LI) da comunidade surda.

Portanto, a hipótese desta pesquisa foi visto através do contato dos alunos surdo na sala de atendimento educacional especializado, pois não compreender a libras traz vários prejuízos para o aluno socialmente e pedagogicamente, visto que os mesmos se comunicavam através de gestos caseiros, desta forma não podiam consolidar as aprendizagens.

As experiências em sala na sala do AEE tem o objetivo de aprendizado da Língua de sinais para que seja alcançado pelos professores em seu ato de ensinar em salas de aula com alunos surdos, Partindo desse pressuposto podendo dar continuidade além das salas de AEE, Desta forma, em conformidade com a Lei nº 13.146/2015, que Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), em seu Art. 18, Inciso X, afirma que "adoção de práticas pedagógicas inclusivas pelos programas de formação inicial e continuada de professores e oferta de formação continuada para o atendimento educacional especializado".

Segundo Karin Strobel (2008), seus estudos trazem todo processo de ensino e aprendizagem do surdo (a), tendo como cerne central a sua experiência visual, visto que, a comunicação do surdo (a) acontece através da língua de sinais, onde toda informação dada é

captada pela visão, Esse é um dos artefatos culturais que a referida autora aborda em seu livro "As imagens do outro sobre a cultura surda". Neste contexto, podemos afirmar que o ensino para o aluno surdo deve ser, precisamente, com uma metodologia adequada para que ele (a) consiga alcançar a plenitude do seu processo de aprendizagem, em consonância com os estudos de Andrei Gesser (2012), em seu livro "O ouvinte e a surdez: Sobre ensinar e aprender LIBRAS".

Nesse sentido, esse trabalho foi desenvolvido partindo da perspectiva da Língua de sinais e vivências surdas através das experiências vivenciadas entre os pares como um elemento importante para a formação da identidade do surdo, valorizando a sua apropriação cultural e partindo desse contexto, conhecer como acontece esse processo de apropriação da sua cultura em sua totalidade na comunidade surda.

Os resultados apontam que as interações no ambiente da sala de recursos multifuncionais entre os alunos surdos, a intérprete e a professora do AEE têm promovido experiências significativas que colaboram para o processo de inclusão dos alunos surdos.

## **METODOLOGIA**

Abordaremos neste capítulo a metodologia usada neste estudo sobre experiências com o ensino da libras para alunos surdo na sala do AEE, como instrumento capaz de fomentar a construção de uma sociedade mais cidadã, mais justa, menos segregativa, mais acolhedora independente das diferenças e suas limitações às quais são submetidos os sujeitos desta história.

Foi feita uma pesquisa bibliográfica em livros de autores que tratam do tema a ser estudado e, no referencial buscamos as leituras prévias para compreender a situação do problema e quais são as contribuições dos trabalhos pesquisados no âmbito dos assuntos que estão relacionados a este tema.

Quando elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de: livros, revistas, publicações em periódicos e artigos científicos, jornais, boletins, monografias, dissertações, teses, material cartográfico, internet, com o objetivo de colocar o pesquisador em contato direto com todo material já escrito sobre o assunto da pesquisa. (FREITAS E PRODANOV, 2013, p.54).

A metodologia utilizada é a Etnográfica com técnica de Observação Participante, pois o pesquisador faz parte do processo de estudo, assim o tempo da pesquisa se deu no período de aulas. Ainda será realizada uma pesquisa documental para, assim, estudarmos as produções já existentes sobre o tema, realizando uma busca de documentos nas Leis segundo a temática do assunto estudado com o intuito de atingirmos os objetivos propostos neste trabalho (SEVERINO, 2007; GERHARDT; SILVEIRA, 2009).

Das pesquisas o tipo que mais nos interessou foi a pesquisa qualitativa devido sua caracterização na qualificação dos dados coletados durante o processo de construção da pesquisa. Assim,

[a] pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc. Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa opõem-se ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, já que as ciências sociais têm sua especificidade, o que pressupõe uma metodologia própria. Assim, os pesquisadores qualitativos recusam o modelo positivista aplicado ao estudo da vida social, uma vez que o pesquisador não pode fazer julgamentos nem permitir que seus preconceitos e crenças contaminem a pesquisa (GOLDENBERG, 1997, p. 34).

Na abordagem qualitativa procuramos entender o que ocorre nos espaços educativos da prática à efetivação das normas no contexto do ensino da língua L1 como primeira língua já que esta abordagem é fundamental para a análise dos acontecimentos e para a competência dos valores obtidos no espaço escolar.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

A autora Karin Strobel (2018) nos traz os conceitos sobre artefatos culturais da comunidade surda, tendo em vista que, a mesma aborda oito artefatos que envolvem todo processo de desenvolvimento cognitivo e cultural da pessoa surda. Assim, esses artefatos podem ser explorados na sala de AEE, podendo então o professor utilizar metodologias de ensino direcionadas ao aluno (a) surdo(a) e todos seus pares iria aprender juntos com estes alunos(as), sem perda de informação, pois, todo processo de ensino-aprendizagem está interligado à cultura do aluno, o qual é o objeto de estudo e observação.

Segundo Karin Strobel (2008), seus estudos trazem todo processo de ensino do surdo(a), tendo como aprendizagem cerne central a sua experiência visual, visto que, a comunicação do surdo(a) acontece através da língua de sinais, onde toda informação dada é captada pela visão, esse é um dos artefatos culturais que a referida autora aborda em seu livro "As imagens do outro sobre a cultura surda". Neste contexto, podemos afirmar que o ensino para o aluno surdo deve ser, precisamente, com uma metodologia adequada para que ele (a) consiga alcançar a do sua plenitude processo de aprendizagem, em consonância com os estudos de Andrei Gesser (2012), em seu livro "O ouvinte e a surdez: Sobre ensinar e aprender LIBRAS". Ronice Quadros (1997), nos traz em sua obra, conceitos sobre linguística, o uso da língua, filosofias educacionais e a prática pedagógica para professores que estão lecionando para surdos em salas de aula regular, norteando os processos de formação docente.

A aprendizagem é toda informação dada a uma pessoa, seja ela formal ou não formal. Sendo assim, a escola é o ambiente mais importante para que aconteça a transformação dos envolvidos e o professor é o autor neste processo, o qual pode trazer várias reflexões no ensino aprendizagem dos alunos surdos.

Trata-se de uma construção do conhecimento da sua identidade e da cultura político- pedagógica no espaço o qual está inserido visto que a aprendizagem do aluno surdo acontece a partir da sua vivência com as pessoas que partilham a mesma cultura que a sua e a cultura do surdo é diferente da cultura de um ouvinte, pois o ouvinte oraliza para se comunicar e a comunicação do surdo acontece através do corpo, de expressões gestuais e de caráter visual. Segundo os autores surdos Perlin e Miranda (2003, p. 218 apud Strobel, 2018, p.45):

Experiência visual significa a utilização da visão, em (substituição total da audição), como meio de comunicação. Desta experiência visual surge a cultura surda representada pela língua de sinais, pelo modo diferente de ser, de se expressar, de conhecer o mundo, de entrar nas artes, no conhecimento científico e acadêmico. A cultura surda comporta a língua de sinais, a necessidade do intérprete, de tecnologia de leitura.

Espera-se que seja estimulada e exercitada nas escolas uma nova perspectiva de ensino e na aprendizagem para alunos com surdez para que isso venha favorecer o desenvolvimento cognitivo e emocional dos alunos surdos, partindo da interação dos alunos

com as demais pessoas na escola, como os professores, colegas de sala e os demais funcionários.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A análise deste estudo foi realizada a partir da prática na sala de recursos multifuncionais com os alunos surdos, foi feita observações partindo das vivências no processo de ensino aprendizagem e neste processo foi visto que os alunos se comunicavam por sinais caseiros devido a não ter contato com a comunidade surda desde cedo.

O ensino para alunos surdos deve ser repensado para melhorar o aprendizado, rever a metodologia adequada e o uso de estratégias facilitando a aquisição dos conhecimentos dos surdos no momento em que são ensinados os conteúdos pelo professor em sala de recursos. As experiências entre o professor e aluno foram satisfatórias, pois a partir do contato com a Libras os alunos tiveram progresso na comunicação com a língua de sinais, neste processo do ensino na sala do AEE, a comunicação dos mesmos em outros ambiente é a Libras.

É necessário que a escola proporcione recursos linguísticos para que o surdo possa se desenvolver de forma autônoma preparando para enfrentar desafios, não só vendo sob o ponto de vista da surdez, mas da diferença.

Quando pensamos no ensino, pensamos também nos desafios que encontramos no processo da aprendizagem, pois o professor precisa conhecer quem é o aluno que está na sala e saber quais são as necessidades existentes de cada um neste processo, pois a aprendizagem é complexa e envolve tanto o modelo de ensino quanto a parte que direciona as estratégias e metodologias dadas na sala de recurso para a ascensão da aprendizagem dos alunos surdos.

Pensando no ensino da educação dos surdos foi feito uma pesquisa em materiais concretos que viabilizem o ensino, como por exemplo: Dominó em libras, Uno em libras, caça palavras em libras, Pareamento de sinais e figuras em libras como também tecnologias assistivas para desenvolver a prática da língua de sinais e ao mesmo tempo promover ao aluno o pertencimento linguístico na comunicação com seu par.

Cada pessoa tem seu jeito e sua forma de aprender e cabe ao professor averiguar todo esse processo sempre fazendo uma avaliação da sua prática enquanto professor e sujeito do seu próprio trabalho, assim tornando-se mais flexível e tendo um conceito positivo de sua práxis educacional.

Os resultados apontam que as interações no ambiente da sala de recursos multifuncionais entre os alunos surdos, a intérprete e a professora do AEE têm promovido experiências significativas que colaboram para o processo de inclusão dos alunos surdos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A presente pesquisa visou analisar experiências de ensino da Libras para alunos surdos em sala de atendimento educacional especializado - AEE, buscou-se aprimorar a prática do uso da língua de sinais no ambiente escolar, o que envolve vários aspectos: o ensino do professor e também a metodologia usada para o desenvolvimento das aulas ministradas aos alunos com surdez dando o apoio necessário ao aluno neste processo de inclusão.

Podemos observar as dificuldades que acontecem neste processo de ensino aprendizagem, primeiramente é a apropriação da língua no seu convívio com seus pares, visto que a libras é a primeira língua do surdo, um dos primeiros artefatos culturais, como também o direito do mesmo ter profissional intérprete no ambiente escolar, segundo o decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005 que Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais como primeira língua para as pessoas com surdez.

A experiência com o ensino na sala do AEE proporcionou uma visão ampla com relação as aulas no ensino regular pois a educação dos surdos acontece emmm todo ambiente escolar, visto que, quase toda a comunicação na escola é feita através da língua oral e os professores não usam a libras, pois os docentes ouvintes não se comunicam com a Libras e, com isso, o aluno fica prejudicado, pois é preciso que a comunicação na aula seja conduzida através de um intérprete, se caso não tiver intérprete em sala de aula os alunos surdos ficam na sala só observando com atenção aos conteúdos escritos na lousa e o uso da oralização por docentes e colegas ouvintes.

Na sala de recurso multifuncional o ensino aprendizagem é voltado para a educação de surdos na apropriação da língua e das habilidades pedagógicas que o ambiente e o professor proporciona para um trabalho com excelência para o aluno surdo na sala do AEE.

Por fim, é importante saber que a escola e o professor têm um papel fundamental para esta inclusão acontecer, pois a libras é a primeira língua do aluno surdo e que interajam de forma sistemática, pois é importante que o aluno se sinta incluído e que tenha um bom desenvolvimento social na escola.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005 - Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras. Brasília, DF: Senado Federal, 2005.

\_\_\_\_Lei nº 12.319, de 01 de setembro de 2010 - Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais- LIBRAS. Brasília, DE: Senado Federal, 2010.

\_\_\_\_Lei n 13.146, de 2015 -Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, DF: Senado Federal, 2015.

FREITAS, Ernani Cesar de; PRODANOV, Cleber Cristiano. Pesquisa Científica in: Metodologia do trabalho científico: métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. P. 41- 118.

GESSER. Audrei. O ouvinte e a surdez: sobre ensinar e aprender a Libras. São Paulo: Parábola Editorial, 2012 .

GOLDENBERG, Mirian. A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. 4ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1997.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

QUADROS, R. M de. Educação de Surdos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

STROBEL, Karin. As imagens do outro sobre a cultura surda. 4. ed.I. reimp. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2018.

SEVERINO, Antonio Joaquim. Metodologia do trabalho científico. 5 ed. Cortez.